

ESTUDO DO LIVRO *CONTOS AMAZÔNICOS*, DE INGLÊS DE SOUSA

REFERÊNCIA:

MARTINS, Matheus; TEIXEIRA, Marcos . Cenas da vida do Amazonas: um estudo dos contos de Inglês de Sousa. In: *Revista de Literatura* - 2006. Belo Horizonte: Associação Pré-UFMG, 2005, p. 31-62.

Contos amazônicos, último livro de Inglês de Sousa, é publicado em 1893. Assim como os demais, há uma grande preocupação com a região amazônica. Para a abordagem desse espaço, os mitos e as lendas são incorporados à ficção, revelando uma natureza com selvas e lugares desconhecidos. Segundo Lúcia Miguel Pereira, o registro de lendas e anedotas mostra que o espírito popular, cheio de superstições e mistério, está presente na narrativa.



Revista de Literatura

da Associação Pré-UFMG

A Revista de Literatura da Associação Pré-UFMG, que é elaborada todos os anos pelos professores do Departamento de Literatura, traz análises dos livros indicados ao vestibular da UFMG. A revista pode ser adquirida nas unidades da Associação Pré-UFMG.

Outras informações:

www.preufmg.org.br

CENAS DA VIDA DO AMAZONAS: UM ESTUDO DOS CONTOS DE INGLÊS DE SOUSA

Marcos Teixeira
Matheus Martins

O AUTOR

Herculano Marcos Inglês de Sousa nasceu em 28 de dezembro de 1853, na cidade de Óbidos, no Pará, sendo filho do desembargador Marcos Antônio Rodrigues de Sousa e de dona Henriqueta Amália de Góis Brito Inglês. O futuro escritor se origina de uma das mais antigas famílias paraenses.

Em 1864, segue para o Maranhão, onde é matriculado no colégio de Sotero dos Reis, para continuar e completar os primeiros estudos. Em 1867, vai para o Colégio Perseverança — casa de ensino secundário no Rio de Janeiro —, onde estuda em regime de internato.

Em 1870, Inglês de Sousa segue para o Recife-PE, onde se matricula na faculdade de Direito. Pouco depois revê sua família em época de férias quando, pela última vez, visita a Amazônia. Em 1875, quando cursava o quarto ano da faculdade, escreve *O cacaulista*, que será publicado no ano seguinte, em Santos.

Transfere-se para a faculdade de Direito de São Paulo, onde cola grau em 1876. Nesse mesmo ano, publica *Cenas da vida do Amazonas: história de um pescador*. Já em 1877, publica o romance *O coronel sangrado*, em Santos. Nessa época, utiliza o pseudônimo de Luís Dolzani, para publicar suas obras.

De 1878 a 1883, Inglês de Sousa funda jornais e revistas, além de realizações pessoais: casa-se com dona Carlota Emília Peixoto; ingressa no Partido Liberal; funda o *Diário de Santos*, a *Tribuna Liberal*, a *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras* e, pouco depois, a *Ilustração Paulista*; torna-se secretário da Relação de São Paulo; elabora o



projeto de criação da Escola Normal; é eleito presidente (atualmente chamado governador) do Sergipe (1881) e, posteriormente do Espírito Santo (1882).

Em 1890, muda-se para São Paulo, onde funda o Banco de Melhoramentos daquele estado. No ano seguinte publica *O missionário*, que havia sido escrito em 1888.

Em 1892, segue para o Rio de Janeiro, onde fora convidado para trabalhar como professor da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais daquele estado. Em 1896, participa como membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Em 1902, torna-se diretor da faculdade em que lecionava. Nos anos seguintes, tem êxito na carreira de advocacia. Em 1893, publica sua última obra, *Contos amazônicos*, na cidade do Rio de Janeiro.

Como se pode perceber, o escritor divide-se entre a carreira literária e a jurídica. Os críticos afirmam, no entanto, que aos poucos Inglês de Sousa percebeu a literatura como algo secundário em sua vida. Nesse sentido, Alceu Amoroso Lima escreve: “O

romancista se fez jurista e deixou de lado a pena de ficção. Foi uma pena... Os dois romances que publicou revelavam, além dos *Contos amazônicos*, uma vocação inequívoca para as letras em geral e mesmo para a ficção regionalista em particular”¹.

Em 06 de setembro de 1918, falece no Rio de Janeiro, tendo sido sepultado no cemitério de São João Batista com grande acompanhamento fúnebre.

A OBRA

Não se sabe ao certo quando Inglês de Sousa começou a escrever. Bella Josef, no livro que organizou sobre o autor, afirma que em 1867, quando tinha 14 anos e estudava em regime de internato no Rio, o diretor do colégio lhe confiscou os escritos:

Aos 14 anos de idade o diretor do colégio confiscou-lhe as *Obras Completas* de Herculano Marcos Inglês de Sousa. Havia um romance — *Filipe de Monfort*; um drama — *A Justiça de Deus*; um poema herói-cômico, *Os Lopiadas*, alusivo aos paraguaios; e um caderno de poesias líricas e heróicas².

A primeira obra publicada, no entanto, foi *O cacaulista*, em 1876. Este romance trata, como escreveu Lúcia Miguel Pereira, do “atrito de duas camadas sociais, de duas raças, de duas concepções da vida”³. O enredo conta a história de Miguel, moço branco, que se apaixona por Rita, filha de mestiço. Segundo Lúcia, a natureza amazônica está presente, ainda que pouco, condicionando os personagens.

No mesmo ano, Inglês de Sousa publica *História de um pescador*, considerada por Lúcia como a obra mais fraca do escritor. O terceiro livro é publicado no ano seguinte e

traz como título *O coronel sangrado*⁴. Este livro, como veremos, apesar de ter sido considerado o primeiro romance naturalista publicado no Brasil, não rendeu a Inglês de Sousa o título de iniciador do naturalismo no país, que será atribuído a Aluísio Azevedo pela crítica.

Escrito em 1888 e publicado em 1891, *O missionário* é considerado o livro mais representativo de Inglês de Sousa pelos críticos, que vêem na obra uma filiação mais forte ao naturalismo de Émile Zola. No entanto, a narrativa do livro foi considerada excessiva. O próprio autor concordou com a afirmação. Sobre isso, Josué Montelo escreve: “Livro grande e derramado, contem ele, segundo depoimento de seu autor, cerca de cem páginas a mais que o tornam espesso e palavroso”⁵. O missionário conta a história do padre Antônio de Moraes — espécie de sacerdote sem fé, segundo Lúcia Miguel Pereira — e sua luta contra o meio. Novamente a Amazônia aparece como tema do livro, de modo que temos, em toda a obra de Inglês de Sousa, a região amazônica e a luta do homem contra o homem. Lúcia escreve, nesse sentido:

Considerada em conjunto, a obra de Inglês de Sousa apresenta-se como um documento social, fixando aspectos vários da Amazônia, da Amazônia do cacau e da pesca, região meio selvagem onde a vida era sempre uma luta; luta do apuío contra o proprietário que o explora, na *História de um pescador*; luta do mulato ambicioso contra o branco que não o quer considerar seu igual, no *Cacaulista* e no *Coronel sangrado*; luta do indivíduo superior contra o meio mesquinho, no *Missionário*; em todos eles, luta do homem contra o homem, e contra a natureza que o ameaça física e moralmente...⁶

¹ O comentário de Alceu Amoroso Lima se encontra no livro *Inglês de Sousa*. Cf. JOSEF, 1963. p. 117.

² Informação disponível em nota-de-rodapé sem indicação da fonte. Cf. JOSEF, 1963, p. 04.

³ PEREIRA, 1988. p. 159.

⁴ *O coronel sangrado* é considerado novela, por Lúcia Miguel Pereira, e entendido como romance, por Alfredo Bosi.

⁵ MONTELO, Josué. A ficção naturalista. In: COUTINHO, Afrânio. 1969. p. 74.

⁶ PEREIRA, Lúcia Miguel. Prosa de ficção, p. 158.

Contos amazônicos, último livro de Inglês de Sousa, é publicado em 1893. Assim como os demais, há uma grande preocupação com a região amazônica. Para a abordagem desse espaço, os mitos e as lendas são incorporados à ficção, revelando uma natureza com selvas e lugares desconhecidos. Segundo Lúcia, o registro de lendas e anedotas mostra que o espírito popular, cheio de superstições e mistério, está presente na narrativa.

CONTEXTO HISTÓRICO

Apesar de os *Contos amazônicos* terem sido escritos no final do século XIX, a obra tem como pano de fundo um tempo histórico que atravessa todo o século, referenciando momentos importantes de seu processo sócio-político. Antes de entrarmos, porém, nos detalhes tocados pela obra, convém dar uma breve olhada panorâmica sobre o que aconteceu de mais importante neste tumultuado intervalo de cem anos.

Em decorrência da guerra movida por Napoleão contra a Inglaterra, o século começa com a vinda da família real para o Brasil, no final de 1807, fato que modifica tanto a relação entre Metrópole e Colônia (que culminará, em 1822, na Independência), somada às suas relações internacionais, quanto a vida social no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, onde a Coroa portuguesa se instala: alguma efervescência cultural aparece para atender a demanda da Corte na cidade, cujo número de habitantes cresce vertiginosamente, com a chegada cada vez maior de imigrantes franceses, ingleses, espanhóis e, naturalmente, e em grande número, portugueses.

Mesmo que a vinda da Corte dê uma aparência de relativa tranquilidade à transição operada pela Independência alguns anos depois, é preciso considerar que a sua presença no Rio de Janeiro acentua também as diferenças entre portugueses e brasileiros, uma vez que a Coroa, por não deixar de ser

lusitana, permanece privilegiando os interesses de Portugal no Brasil. Atritos nas forças militares (que reservarão seus melhores cargos à nobreza portuguesa), aumento dos impostos para sustentar os gastos da Coroa, que só podia contar então com a Colônia, e um forte crescimento das desigualdades regionais formam um contexto propício a manifestações e revoltas populares. É o que, em março de 1817, acontece em Pernambuco: uma camada bem abrangente da população pernambucana, composta de proprietários rurais, artesãos, comerciantes, juizes, militares e até sacerdotes, estoura uma revolta que começa no Recife e se estende para o sertão. Apesar de pouco organizados, os revolucionários compartilhavam de alguns sentimentos comuns: a insatisfação com um desfavorecimento regional (já que o deslocamento da Coroa para o Rio de Janeiro parecia privilegiar apenas o espaço do próprio Rio, ignorando o nordeste, como acreditavam) e o descontentamento com os benefícios concedidos aos portugueses imigrados no nordeste. Respectivamente, duas espécies de “patriotismo”, relativas àqueles sentimentos, orientavam a mentalidade da revolta: uma, localizada, referente ao nordeste e sua independência em relação ao resto do Brasil; outra, mais genérica, calcada em um antilusitanismo e na afirmação da legitimidade dos brasileiros contra os portugueses. Os revolucionários chegam a tomar Recife e declarar sua independência, mas, dois meses após o início da revolta, são vencidos pelas tropas portuguesas, em função de sua desorganização e, para além daqueles sentimentos comuns, da variação de seus ideais, que iam do idealismo mais apaixonado aos interesses de ordem estritamente econômica (vide não tocarem na questão da abolição, por exemplo).

A revolução pernambucana de 1817 é então o primeiro detalhe histórico que nos interessa mais de perto, na medida em que Paulo da Rocha, importante personagem de “O rebelde”, é um veterano da revolta,

soldado fiel de Domingos José Martins (figura real, comerciante e um dos líderes do levante), e que, por este passado, apesar da vida pacífica que levava anos depois, já na década de 1830, era respeitado e temido pelos habitantes de Vila Bela, às voltas com outro movimento revolucionário, a Cabanagem, no Pará.

Antes desta revolta, porém, importantes acontecimentos — que, inclusive, ajudam a explicá-la — continuam a modificar a vida brasileira. Com o regresso de Dom João VI a Portugal em abril de 1821, seu filho, que se tornará Dom Pedro I, permanece como príncipe regente, proclama a Independência em 7 de setembro de 1822 e assume o comando monárquico do novo país, pondo fim, no Brasil, ao período colonial. Dá-se início ao Primeiro Reinado, que vai de 1822 até 1831, quando Dom Pedro I, por questões que não convém aqui prolongarmos, se vê forçado a abdicar ao cargo de imperador e segue para a Inglaterra, na tentativa de recuperar outro trono, o português, ocupado por seu irmão Miguel desde a morte de Dom João VI, em 1826.

Com apenas cinco anos, Dom Pedro II é naturalmente impossibilitado de assumir o posto do pai e começa no Brasil, então, em 1831, o período conhecido como a Regência, por ter como governantes várias figuras políticas se alternando até a maioria antecipada do menino imperador, em 1840. É durante a conturbada década de 1830, marcada por incertezas quanto à organização política e por disputas entre pequenas elites pelos controles regionais, que acontecem várias revoltas provinciais no Brasil, como a Sabinada, na Bahia, a Balaiada, no Maranhão, a Farroupilha, no Rio Grande do Sul (esta última, contexto histórico de *Um certo capitão Rodrigo*, de Érico Veríssimo) e, antes de todas, a Guerra dos Cabanos, em Pernambuco, e a Cabanagem, no Pará, que nos interessa mais de perto e não deve ser confundida com essa revolta pernambucana ocorrida na mesma época.

Apesar de serem movimentos distintos, sem uma relação direta, acontecidos em lugares e, inclusive, em anos diferentes (a Guerra dos Cabanos, de 1832-35; a Cabanagem, de 1835-40), algumas características os aproximam e remontam à revolução pernambucana de 1817. Com esta última, a Cabanagem se parece no que tange às insatisfações que motivam a revolta: primeiro, o descontentamento com o isolamento do Pará em relação ao resto do Brasil, levando os rebeldes a conquistar Belém e proclamar a independência do Pará; segundo, o patriotismo que motiva o ataque indiscriminado aos comerciantes portugueses ali imigrados, vistos como usurpadores de uma terra que não lhes pertencia. Agora, o que a Cabanagem tem a ver com a Guerra dos Cabanos, e que diferencia ambas da revolução de 1817, está no fato de serem aquelas duas revoltas compostas por rebeldes com uma articulação ainda menor entre si: se a revolução de 1817 ainda contava com militares, juízes e sacerdotes, tanto a Guerra dos Cabanos quanto a Cabanagem é feita, quase totalmente, de índios, mestiços, trabalhadores escravos ou dependentes e pequenos proprietários. Mesmo tendo como um dos lemas a liberdade e de existirem escravos entre os rebeldes, o movimento era de tal maneira desarticulado e contraditório que chegou a reprimir, no Pará, um levante de escravos, além de também não tocar efetivamente na questão da abolição, mantendo-a.

A Cabanagem, assim, não chega a concretizar uma nova organização política e a revolta acaba ficando conhecida pelos constantes massacres praticados em qualquer propriedade que julgasse pertencente a estrangeiros, de um modo geral (mas sobretudo portugueses), ou a maçons, que, para os rebeldes, eram contrários à fé católica, esta também uma de suas bandeiras. É justamente este contexto, marcado pelo medo relativo à chegada dos cabanos e à destruição que a eles se associava, a despeito de seus

ideais libertários, que podemos perceber fortemente tanto em “A quadrilha de Jacó Patacho” quanto em “O rebelde”, nos momentos finais de *Os contos amazônicos*, aos quais voltaremos mais detidamente adiante.

Como nota, vale ressaltar que a Cabanagem deixa números desastrosos para o Pará: 30 mil mortos, entre legalistas e rebeldes (estes vencidos por aqueles), dizimando cerca de 20% da população e destruindo Belém social e economicamente.

Em meio a tantas revoltas no norte e nordeste do país, o poder político no centro começava a se definir com a criação dos partidos conservador e liberal, e é curiosamente este último, interessado pelos benefícios que um poder centralizado lhe garantiria, o responsável pela ascensão antecipada de Dom Pedro II ao trono. Temos o início do Segundo Reinado, que ocupa o longo intervalo de tempo que vai de 1840 até 1889, data da proclamação da República.

Neste ínterim, muita coisa acontece; mas fiquemos com os episódios que se aproximam mais da obra de Inglês de Sousa. A década de 1860 é marcada por importantes conflitos, que serve m como pano de fundo de alguns *Contos amazônicos*. Um deles ficou conhecido como a Questão Christie, cujo nome faz referência a William Dougal Christie, embaixador britânico no Brasil. A história se resume no seguinte: a Marinha britânica, após ter a carga de um navio naufragado levada por brasileiros na costa do Rio Grande do Sul e depois de alguns de seus tripulantes serem presos embriagados no Rio de Janeiro, apreende alguns navios mercantes brasileiros, fazendo com que o Brasil, com isso, rompesse relações diplomáticas com a Inglaterra na virada de 1862 para 1863 (pouco tempo antes de se tornar totalmente obediente aos ingleses). Uma onda de patriotismo atravessa parte da população brasileira, ameaçada por um hipotético ataque britânico e disposta a enfrentá-lo bravamente. É este o contexto do conto “O donativo do capitão

Silvestre”, em que uma mobilização popular (incentivada, em muita medida, pelo interesse econômico e social de alguns) é criada para angariar fundos com fins de ajudar nos preparativos da resistência brasileira. Voltaremos também a este conto mais cuidadosamente na parte que se segue a esta notícia contextual.

Outra passagem, ainda da década de 1860, é a Guerra do Paraguai, iniciada em 1864 e travada durante mais de cinco anos. Sangrento episódio da América Latina, várias e diferentes explicações já foram dadas para a batalha, de acordo com os interesses de quem contou a história. Menos tendenciosos, alguns historiadores como Boris Fausto, Ricardo Salles e Francisco Doratioto a entendem como uma guerra entre os recém formados estados nacionais da América Latina na busca por um controle maior do continente. Sem nos prolongarmos muito sobre a história de cada um dos países envolvidos, cabe dizer que a guerra tem como protagonistas o Brasil, a Argentina, potências do continente, que, por questões territoriais e econômicas (mais especificamente, a livre navegação pelo rio Paraguai), juntam-se ao Uruguai, formando a Tríplice Aliança, contra o pequeno Paraguai. Sob o comando de Solano López, este país declara guerra à Argentina pouco antes do tratado entre os três países, talvez temeroso de ser sufocado pelo expansionismo das potências que ameaçavam sua construção meio à margem naquele cenário maior.

Apresentando uma resistência admirável no início da batalha, por contar com um exército de aproximadamente 64 mil homens ativos, o Paraguai assusta seus adversários, cujos exércitos, somados, tinham em torno de 27 mil efetivos. No Brasil, são realizados alistamentos compulsórios (o serviço militar ainda não era obrigatório) e homens de toda a parte, “convocados” a defender a pátria. É o que podemos ver claramente no primeiro dos *Contos amazônicos*, “Voluntário”, título irônico que introduz a história de Pedro, rapaz de

dezenove anos, pescador, forte, filho da tapuia Rosa, obrigado pelo exército a ser um de seus voluntários na guerra contra o Paraguai.

Como comentário final sobre a batalha, vale ressaltar que seus resultados foram desastrosos para todos os países envolvidos: para ficarmos em apenas dois deles, o Paraguai teve sua economia arrasada e aproximadamente metade de sua população foi morta durante o conflito, restando, na sua maioria, velhos, mulheres e crianças. Já o Brasil, apesar de ter vencido a guerra e expandido seu território, fica cada vez mais endividado com a Inglaterra, após ter refeito as relações diplomáticas com este país, no início da batalha.

Além do que vimos observando até agora, mais dois acontecimentos do século XIX exigem nota e, embora não apareçam explicitamente como pano de fundo histórico dos *Contos amazônicos*, marcam o contexto em que a obra foi redigida (considerando sua primeira publicação, datada de 1893): a abolição da escravidão, em 13 de maio de 1888; e a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889.

CONTEXTO LITERÁRIO

A obra *Contos amazônicos* (1893), último livro de Inglês de Sousa, pertence ao Naturalismo. Para a compreensão do Naturalismo, torna-se necessário o entendimento do Realismo. Nesse sentido, Bella Josef escreve, na apresentação do livro *Inglês de Sousa*: “Não vemos como estabelecer nítida diferença entre realistas e naturalistas em nossa literatura”⁷. Já Pierre Martino afirmou que o Naturalismo “prolonga o Realismo para afirmá-lo e exagerá-lo”⁸.

O Realismo surge, como se sabe, em oposição ao idealismo e à subjetividade do

movimento Romântico. Nessa perspectiva, Afrânio Coutinho escreve:

“Em literatura, Realismo opõe-se habitualmente a idealismo (e do Romantismo), em virtude da sua opção pela realidade tal como é e não como deve ser. [...] O termo designa as obras literárias modeladas em estreita imitação da vida real e que retiram seus assuntos do mundo do real, encarado de maneira objetiva, fotográfica, documental, sem participação do subjetivismo do artista.”⁹

A consolidação do Realismo se dá, como acentua Coutinho em seu livro, com a publicação de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, ocorrida em 1857, na França. Já o Naturalismo teve em Émile Zola o seu principal representante, cuja série dos Rougon-Macquart se tornou um dos marcos dessa escola. Embora o Naturalismo possua características que o particularize, como o determinismo e o cientificismo, ele se relaciona inevitavelmente ao Realismo. Quanto a isso, Coutinho escreve:

“Quanto ao Naturalismo, é um Realismo a que se acrescentam certos elementos, que o distinguem e tornam inconfundível sua fisionomia em relação a ele. Não é apenas um exagero ou uma simples forma reforçada do Realismo, pois que o termo inclui escritores que não se confundem com os realistas. É o Realismo fortalecido por uma teoria peculiar, de cunho científico, uma visão materialista do homem, da vida e da sociedade.”¹⁰

Pode-se dizer que o cientificismo e o determinismo se completam dentro do Naturalismo. As leis da física e da química juntamente com a influência do meio são responsáveis agora pelo que o homem — personagem — é ou se tornará. Diante do fatalismo da vida, o personagem age então como uma mera vítima; espécie de produto a ser moldado pelo meio, pelas condições já existentes.

⁷ JOSEF, 1963. p. 10.

⁸ Cf. MONTELO, A ficção naturalista. In: COUTINHO, 1969. p. 64.

⁹ COUTINHO, 1969. p. 06.

¹⁰ COUTINHO, 1969. p. 08.

Como ressalta Afrânio Coutinho, pode-se falar, nesse sentido, em uma aplicação de teorias e métodos científicos à literatura. No livro *Le roman expérimental*, Zola utilizou esta técnica:

“Entusiasmado com a leitura da obra de Claude Bernard, *Introduction à la Médecine Expérimentale* (1865), Zola elaborou uma aplicação das suas teorias à literatura, e, no seu livro *Le Roman Expérimental* (1880), levantou um paralelo das idéias do mestre com a sua teoria do romance naturalista, asseverando que o método do cientista deveria tornar-se o do escritor. ‘O romance experimental substitui o estudo do homem abstrato e metafísico pelo do homem natural, sujeito a leis físico-químicas e determinado pela influência do meio’. [...] O homem nada era senão uma máquina guiada pela ação de leis físicas e químicas, pela hereditariedade e pelo meio físico e social.”¹¹

Destaquemos do trecho acima a seguinte frase “asseverando que o método do cientista deveria tornar-se o do escritor”. Pode-se dizer assim que o escritor naturalista observa o homem por meio do método científico, de forma impessoal e objetiva, como se a vida e as coisas que o cercam fossem o seu objeto de estudo. Não importa, nesse sentido científicista, a opinião sobre os fatos, mas os fatos em si mesmos, analisados com distanciamento. Fala-se então numa ânsia pela verdade que, segundo Josué Montelo, conduz a literatura sensivelmente para o campo da ciência.

O Realismo e o Naturalismo chegam ao Brasil com atraso, o que, segundo Lúcia Miguel Pereira, revela que os escritores da época estavam alheios ao mundo e às condições sociais do país. Não só isso; revela também, segundo a autora, que o Romantismo ainda encontrava terreno fértil em nosso país:

“O *Guarani* é do mesmo ano da publicação em volume de *Madame Bovary*, anteriormente divulgado por uma revista de grande prestígio. Zola já começara a série dos *Rougon-*

Macquart quando Taunay escreveu a *Inocência*. O darwinismo, o evolucionismo, o positivismo, o socialismo que formavam a estrutura do pensamento contemporâneo, modificando os conceitos filosóficos, literários e sociais, levaram mais de vinte anos a atravessar o Atlântico.”

Cronologicamente, o início do Naturalismo no Brasil se dá com Inglês de Sousa e Celso Magalhães. No entanto, o “título” de iniciador do naturalismo brasileiro ficou com Aluísio Azevedo, quando da publicação de *O Mulato* (1881). O livro *O coronel sangrado*, de Inglês de Sousa, embora seja o primeiro romance naturalista do Brasil, passou despercebido em sua época. Já *O Mulato*, segundo Josué Montelo, teve um reconhecimento unânime da crítica de sua época, que identificou na obra a nova estética.

O Missionário e *Contos amazônicos* são os livros mais conhecidos do paraense Inglês de Sousa. O primeiro é apontado pela crítica como a obra do autor em que mais encontramos os “tiques”, os modismos, ou seja, a novidade formal dos naturalistas. Já os *Contos amazônicos* completam, segundo Lúcia Miguel Pereira, a observação do autor acerca da região amazônica.

O naturalismo que encontramos nos *Contos amazônicos* parece surgir principalmente dessa preocupação que o autor tem em retratar detalhadamente uma região. Ainda que, como foi ressaltado por Lúcia, não apresente os modismos naturalistas, a linguagem de Inglês de Sousa se revela objetiva e lógica. A obra, no entanto, apresenta algumas características que a especifica dentro da estética naturalista. Assim, temos, em vários contos, a narrativa em primeira pessoa e a presença de mitos e lendas que convivem com um realismo ou mesmo um científicismo na obra.

O personagem dos romances naturalistas, vítima das leis científicas ou da influência do meio, é marcado principalmente, nos contos de Inglês de Sousa, pelo fatalismo. Nessa perspectiva, pode-se dizer que, grosso

¹¹ COUTINHO, 1969, p. 08.

modo, os finais dos nove contos são trágicos. Assim, por exemplo, temos no primeiro, “Voluntário”, a história do jovem Pedro que será recrutado para a Guerra do Paraguai. O recrutamento é narrado no livro de Inglês de Sousa como algo aterrorizante: “Coisa terrível que era então o recrutamento!” (p. 09). Mesmo avisado da forte possibilidade de lhe convocarem, Pedro não foge, como se não houvesse jeito de escapar a tal fatalidade. O tempo passa e o rapaz é recrutado. Sua mãe tenta, então, conseguir uma intervenção por meio do único advogado da região. Não há, entretanto, como evitar que Pedro siga no vapor dos voluntários.

A exemplo do conto referenciado acima, pode-se perceber, em menor ou em maior grau, um certo fatalismo e um final trágico também nos outros contos de Inglês de Sousa. Ambos podem aparecer sob um viés místico, como é o caso de “A feiticeira”, ou sob um viés mais científico ou cético, como é o caso, por exemplo, de “Amor de Maria”. Ainda assim, é preciso ressaltar que, neste conto, o final e a própria história servem para a construção de um mito, pois o termo “Amor de Maria” nomeará o terrível tajá, que é uma erva muito venenosa encontrada na região norte do Brasil.

Como se pode perceber, as histórias de origem popular da região norte do país estão presentes no livro de Inglês de Sousa. Assim, podemos relacionar os contos à idéia de *causos*. Novamente, o segundo e o terceiro contos do livro são muito representativos. É importante observarmos, neste sentido, como acaba o conto “A feiticeira” e como começa o conto “Amor de Maria”. Eis o último parágrafo daquele:

“Uma gargalhada nervosa do dr. Silveira interrompeu o velho Estêvão neste ponto da sua narrativa.” (p. 40)

Embora, nesses contos, haja alguns parágrafos em que temos um narrador onisciente, prevalece a posição do

personagem-narrador. Assim, em “A feiticeira”, temos o personagem-narrador Estêvão. O trecho acima, embora feito pelo narrador onisciente, ressalta a posição do velho Estêvão como narrador: “sua narrativa”. O final deste conto narra a interrupção da narrativa de Estêvão feita pela gargalhada do dr. Silveira, que parece ser o procurador, ou seja, o personagem-narrador¹² do próximo conto, “Amor de Maria”, que se inicia do seguinte modo:

“O procurador, cruzando os braços, cravou os olhinhos verdes no carão do velho Estêvão. Depois, com um sorriso entre sardônico e triste, começou...”

Anuncia-se assim que, agora, quem conta a história é o procurador. Já o velho Estêvão passa da posição de narrador para a de ouvinte. Estabelece-se assim a relação com *causos* na medida que um narrador toma conhecimento da história do outro. A presença do velho Estêvão nos dois contos, por exemplo, fundamenta esta relação.

A essa idéia de *causo*, que encontramos nos *Contos amazônicos*, une-se o que podemos chamar de testemunho. Para tornar a história contada mais verossímil, ocorre na maioria dos contos um envolvimento do narrador com os fatos narrados. O início de “O donativo do capitão Silvestre” é significativo nesse aspecto:

“Quereis saber a história do donativo que fez o capitão Silvestre para a guerra contra os senhores ingleses?”

Posso contá-la, porque me achava em Óbidos nessa ocasião e fui testemunha ocular do fato.” (p. 73)

Temos assim um relato que se apóia no testemunho do narrador: “fui testemunha ocular do fato”. Não percebemos esse

¹² No entanto, ainda que induzidos pela narrativa, não podemos afirmar com certeza se o dr. Silveira é mesmo o procurador. A relação de *causo*, aqui apontada, se estabelece pelo velho Estêvão.

envolvimento nos contos “Acauã” e “O baile do judeu”, em que temos a narrativa onisciente. Já no conto “A quadrilha de Jacó Patacho”, a narrativa, que possui distanciamento dos fatos, converge ao final para uma espécie de depoimento:

“Quando passei com meu tio Antônio, em junho de 1832, pelo sítio de Félix Salvaterra, o lúgubre aspecto da habitação abandonada [...] chamou-me a atenção; uma curiosidade doentia fez-me saltar em terra e entrei na casa. Ainda estavam bem recentes os vestígios da luta. [...] Só muito tempo depois conheci os pormenores desta horrível tragédia, tão comum, aliás, naqueles tempos de desgraça.”¹³

Essa abordagem do fato por um viés de testemunho ou depoimento, que faz com que os contos de Inglês de Sousa se pareçam com causos, se deve, evidentemente, pela quantidade de narradores em primeira pessoa que a obra tem. Grosso modo, pode-se dizer que encontramos um narrador-personagem diferente em cada conto. Novamente ressaltamos o segundo e o terceiro contos do livro que são representativos nesse aspecto. Em “A feiticeira” o narrador tem nome: velho Estêvão. Já em “Amor de Maria” o narrador é o procurador. Percebe-se assim uma variedade de narradores-personagens, cada um com suas características¹⁴.

Essa semelhança com causos, nos contos de Inglês de Sousa, também reflete uma preocupação do autor já apontada pela crítica: os personagens. Segundo Lúcia Miguel Pereira, em toda a obra do autor há uma preocupação maior com os homens da

Amazônia, do que com a paisagem. Nesse sentido, a crítica escreve:

“O seu forte não foi a paisagem, em cuja descrição cai no vago ou na rotina. Assim, a impressão que menos consegue dar da Amazônia é a da natureza. Aliás, a não ser no *Missionário*, poucas vezes tenta fixá-la. Os homens interessaram-no mais do que os cenários. E o próprio subtítulo *Cenas da vida do Amazonas* [referente ao segundo romance do autor] parece indicar que teve em mente mais os habitantes do que a terra. Daqueles são excelentes as suas observações, completadas nos *Contos amazônicos* por algumas anedotas e lendas que mostram o espírito popular cheio de superstições e temores do mistério.”¹⁵

Por outro lado, podemos dizer que a descrição da região, encontrada nos contos de Inglês de Sousa, é indispensável para o projeto do autor, de retratar uma região, no caso a amazônica. Lúcia concorda com essa posição quando afirma que o autor falhou na pura descrição da natureza, mas que foi bem sucedido quando essa natureza interfere no personagem. Nessa perspectiva, Lúcia escreve: “Aqui é porém necessário distinguir a evocação da natureza nos seus efeitos sobre os indivíduos, e nos seus aspectos próprios; porque Inglês de Sousa marcou muito bem os primeiros, mas, em regra, falhou nos segundos”.

Quanto ao gênero conto, outra relação a ser estabelecida é com o episódio. É comum associarmos conto a episódio pelo tamanho da narrativa ou pelo número de páginas destinado à história. Diferentemente de um romance, em que se tem facilidade para contar a vida inteira de uma personagem, no conto a narrativa é normalmente marcada por algum acontecimento ou conflito que conduz a história. Daí falarmos nessa associação entre conto e episódio.

“O baile do judeu” é significativo para essa abordagem. O episódio é indicado no próprio título do conto e acentuado pelo início

¹³ SOUSA, 2004. p 126-127.

¹⁴ Isso impede que pensemos numa identificação entre autor e narrador, como quer Sylvia Perlingeiro Paixão, quando escreve autor, ao invés de narrador, na introdução da terceira edição de *Contos amazônicos*. Cf. PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. Introdução. In: SOUSA, 2004. p. xxi. No entanto, concordamos que a visão do autor sobre a região amazônica está presente em toda a obra.

¹⁵ PEREIRA, 1988. p. 158.

da narrativa: “Ora um dia lembrou-se o Judeu de dar um baile e atreveu-se a convidar a gente da terra, a modo e escárnio pela verdadeira religião de Deus Crucificado...” (p. 103). Está armado o conto que culminará no surgimento do boto durante o baile.

Quando essa tendência ao episódio não é buscada nos contos de Inglês de Sousa, temos uma tentativa de se contar a história em linha reta, de forma cronológica. Isso explica algumas passagens do livro em que um longo intervalo de tempo é condensado em poucas linhas. É o caso do conto “Acauã” que, em quatro parágrafos, passam-se quatorze anos:

“No dia seguinte, toda a vila de Faro dizia que o capitão adotara uma linda criança, achada à beira do rio e que se dispunha a criá-la, como própria, conjuntamente com a sua legítima Aninha.

Tratada efetivamente como filha da casa, cresceu a estranha criança, que foi batizada com o nome de Vitória.

Educada da mesma forma que Aninha, participava da mesa, dos carinhos e afagos do capitão, esquecido do modo por que a recebera.

Eram ambas moças bonitas aos quatorze anos, mas tinham tipo diferente.”¹⁶

No último conto, “O rebelde”, temos um período de cerca de quarenta anos. No entanto, não é esse intervalo temporal que justifica o tamanho do conto ou novela, mas o excesso de episódios e situações que encontramos dentro do mesmo. A última parte de “O rebelde” traz novamente o tom de depoimento à narrativa. Percebe-se tanto com este conto, quanto com os demais, que a memória do personagem e a memória cultural — da região amazônica — está presente na obra de Inglês de Sousa. Essa impressão de *causo* inerente ao livro se deve também a essa preocupação com a memória. A última frase de “O rebelde” ressalta que essas histórias regionais habitam o imaginário da população. Assim, o personagem e narrador Luís refere-se ao pernambucano

Paulo da Rocha do seguinte modo: “A sua memória, porém, vive no meu coração!”.

OS CONTOS

1. “Voluntário”

O conto “Voluntário” possui, como tempo histórico, a Guerra do Paraguai. O nome do presidente paraguaio, Francisco Solano Lopes, é tema das conversas dos personagens, que chegam a tratá-lo como “monstro devorador de carne humana”. O capitão Fabrício é então nomeado recrutador na região de Alenquer sob ordem de conseguir um contingente de “voluntários” para lutar na guerra.

Vivia naquela região um jovem chamado Pedro: “um rapagão de dezenove anos, desempenado e forte”. Sua mãe, a tapuia Rosa, dependia de Pedro para cuidar da lavoura que o marido lhe deixara. Seu filho era ainda o melhor pescador da região de Alenquer. Diante da notícia do recrutamento, Pedro contava com o fato de nunca ter feito mal a ninguém e de ser filho de mãe viúva.

Mesmo avisado da possibilidade de ter que se tornar obrigatoriamente um voluntário, Pedro não foge, como se não houvesse meio de escapar aos fatalismos que a vida propõe. Certo dia, o capitão Fabrício lhe convida a ser voluntário na Guerra do Paraguai. Diante da argumentação de Pedro, da sua impossibilidade de seguir no vapor, o capitão é irredutível, dizendo-lhe: “— Pois então tenha paciência. Se não quer ser voluntário, está recrutado”. Segue uma discussão que resultará na luta frustrada de Pedro contra o recrutamento. É importante observarmos na fala do capitão o tema do fatalismo que encontramos na obra:

“É verdade que você pode ficar prisioneiro dos paraguaios e mesmo morrer de uma bala na cabeça, mas isso... são fatalidades. Também se

¹⁶ SOUSA, 2004, p. 64.

morre na cama e até... pescando pirarucus e caçando papagaios.”

Sua mãe Rosa procurará pelo único advogado da região — o personagem-narrador do conto — que se encontrava em Santarém e tentará em vão impedir que Pedro siga para a guerra. Nem um homem da lei nem ninguém poderia impedir o recrutamento do jovem, que segue para o sul e sabe que não há mais remédio. Rosa, como sugere a narrativa, enlouquecerá e passará os dias a vagar pela cidade de Santarém.

2. “A feiticeira”

O conto “A feiticeira” é narrado pelo velho Estêvão. A história gira em torno do tenente Antônio de Sousa e da feiticeira Maria Mucoim. É importante observar que aquele é totalmente descrente e esta é mística, paralelo que percorre toda a obra de Inglês de Sousa. O personagem Antônio de Sousa é apresentado ao leitor do seguinte modo:

“...era um desses moços que se gabam de não crer em nada, que zombam das coisas mais sérias e riem dos santos e dos milagres. Costumava dizer que isso de almas do outro mundo era uma grande mentira, que só os tolos temem a lobisomem e feiticeiras.”

Diferentemente do tenente Sousa, o personagem-narrador acredita nos mitos e mesmo na feiticeira. O tenente, ouvindo muito falar em Maria Mucoim, pediu então ao seu amigo Ribeiro, também tenente, que lha apresentasse. Vendo a feiticeira, Antônio de Sousa se dirige a ela e pergunta: “— Então, tia velha, é certo que você tem pacto com o diabo?”. A feiticeira não lhe responde, apenas lança-lhe um olhar longo e terrível.

Insatisfeito, o tenente Antônio de Sousa se dirige até a casa da Maria Mucoim, que fica situada em terras incultas, na região de Óbidos. O objetivo do tenente era tirar a limpo a história de suas feitiçarias. Vendo que a

feiticeira não lhe esclarecia nada, resolve invadir a sua casa e ver o que possuía ali dentro. Ao adentrar seu segundo compartimento, o tenente se depara com ossos humanos, um bode, coruja branca, gato preto, um urubu, dentre outros objetos. Maria Mucoim se revela efetivamente feiticeira: “Foi então que, animada por gestos misteriosos da velha, a bicharia toda avançou com uma fúria incrível”.

O tenente foge aterrorizado, após matar o bode que o ataca. Chega ao sítio do Ribeiro e deita-se na rede. O quarto então começa a alagar. Antônio de Sousa corre para fora da casa. O rio continuava a subir e o tenente foi obrigado a nadar. Não localizou a família de Ribeiro. Estava para morrer afogado quando avista uma canoa, sua única salvação. Nada para ela, mas, aproximando-se, vê que sobre a embarcação estava a Maria Mucoim.

O conto termina com uma gargalhada nervosa do dr. Silveira, que ouvia a narração e a interrompe.

3. “Amor de Maria”

O velho Estêvão, personagem-narrador do conto “A feiticeira”, torna-se ouvinte no conto “Amor de Maria”, que terá como personagem-narrador o procurador. Ainda que não se possa afirmar com maior certeza, fica sugerido que o procurador é o próprio dr. Silveira que gargalhou ao final do conto anterior.

Se em “A feiticeira” prevaleceu a posição mística, neste prevalece a cética e, de certo modo, a científica. A história gira em torno da personagem Mariquinha, a mais gentil e bonita rapariga de Vila Bela. Mariquinha era afilhada — e talvez fosse filha — de Álvaro Bento. Desde os quatorze anos, era disputada por muitos pretendentes, mas não tinha pressa em se casar. Vivia com seu padrinho e com sua ama-de-leite, a Margarida. Também vivia no povoado de Vila Bela a

Lucinda, que era filha do juiz e a “moça mais feia” da região.

Em dezembro de 1866, Lourenço, filho do capitão Amâncio de Miranda, foi passar o Natal em Vila Bela. Rapaz alto e loiro, causou boa impressão nas moças do lugarejo. Lourenço de Miranda estava acostumado aos namoros fáceis do Pará e pensava que podia “brincar com o sentimentalismo das raparigas”. Mariquinha se apaixonou profundamente por Lourenço, que, depois de se demonstrar apaixonado por ela, aparentava desejo por Lucinda. Entretanto, nutria sempre as expectativas da moça bonita.

No entanto, Lourenço, à vista de todos, manifestava namoro com Lucinda, a moça feia. Mariquinha, abatida, passou a noite em claro, conversando com sua mãe preta. Nessa noite foi aconselhada por Margarida que utilizasse o tajá, que, segundo ela, era remédio que não falhava. Bastava que o homem desejado bebesse uma dose de colherinha de chá que o feitiço estava lançado.

Uma semana depois, Lourenço visitava a casa de Mariquinha e conversava com seu padrinho. Veio então, numa xícara de café, a dose do tajá que haveria de deixá-lo apaixonado pela moça bonita. Depois de beber, entretanto, Lourenço passou mal, teve convulsões e morreu. Mariquinha desapareceu de Vila Bela. A explicação acerca do tajá¹⁷ vem por uma posição mais científica:

“O tajá inculcado à pobre moça, como infalível elixir amoroso, é um dos mais terríveis venenos vegetais do Amazonas.”

Prevalece então, nesse conto, o olhar cético. Ainda assim, encontra-se a presença dos mitos e lendas habitando o imaginário do

¹⁷ No glossário da terceira edição de *Contos amazônicos*, a palavra tajá vem como sinônimo de taioba. No entanto, como se sabe, taioba é comestível. Um sinônimo mais adequado é *tinhorão*, que está dicionarizado pelo Houaiss como erva nativa do Brasil e do Peru que apresenta “propriedades anticatarrais e vermífugas, mas é muito *venenosa*”.

povo daquela região. O terrível tajá passa a ser chamado naquela região de “Amor de Maria”. Observa-se assim que o caso contado pelo procurador acaba criando um mito, cujo nome dá título ao conto.

4. “Acauã”

Acauã é o nome de uma ave cujo canto é considerado mal-agourado e/ou prenunciador de chuvas.

A história do conto se passa no povoado de Faro, “talvez o mais triste e abandonado dos povoados do vale do Amazonas”. O dia de sexta-feira é importante no início do conto, pois esse dia da semana é considerado, para o habitante de Faro, um dia agourento, em que terríveis malefícios podem acontecer.

Viúvo, o capitão Jerônimo Ferreira havia ficado com uma filha de dois anos de idade, a Aninha. Nesse dia, Jerônimo, que se encontrava com profundo pesar por causa da morte de sua mulher, resolveu sair para a caça. Ao voltar, de noite, percebeu que errara o caminho e que estava perdido. O tempo, com relâmpagos e trovões, anunciava uma tempestade. Não bastasse isso, o capitão começou a ouvir o ruído da serpente sucuriçu, cujo lamento indicava um possível parto:

“Os cabelos do capitão Ferreira puseram-se de pé e duros como estacas. Ele bem sabia o que aquilo era. Aquela voz era a voz da cobra grande, da colossal sucuriçu, que reside no fundo dos rios e dos lagos. Eram os lamentos do monstro em laborioso parto.”

Sentindo medo, o capitão pôs-se a correr. Acabou caindo e sua queda espantou um pássaro escuro, o Acauã, que soltou seu canto agourento. Caído, o capitão permaneceu ali sem saber quanto tempo e sem sentidos. Quando tornou a si, percebeu uma pequena canoa no rio. Puxou-a e se deparou com uma criança. Quando a tomou nos braços, já amanhecia.

O capitão criou a criança, a qual chamou de Vitória, juntamente com a sua Aninha. Passaram-se muitos anos e Aninha havia chegado aos quatorze. As duas meninas tinham intimidade entre si. Vitória demonstrava um comportamento estranho e Aninha parecia sofrer de algum mau ou doença.

De modo seqüente, dois pretendentes apareceram para Aninha. Disse que se casaria com o primeiro. Depois disse que não queria mais e os planos foram desfeitos. Com o segundo aconteceu a mesma coisa. Porém o capitão agiu de forma irredutível e disse que teria que se casar.

Chegou o dia do casamento. Todos se apresentaram, com exceção da filha adotiva. A cerimônia já havia iniciado quando Vitória apareceu toda transformada:

“...com uma cabeleira feita de cobras, com as narinas dilatadas e a tez verde-negra, Vitória, a sua filha adotiva, fixava em Aninha um olhar horrível, olhar de demônio, olhar frio que parecia querer pregá-la imóvel ao chão. A boca entreaberta mostrava a língua fina, bipartida como língua de serpente.”

Aninha, vestida de noiva, caiu e teve convulsões terríveis. Depois dobrou os braços como asas, bateu-os e gritou a palavra acauã, que ecoou pela igreja. Por cima do telhado uma voz respondeu repetindo a palavra acauã. O conto termina com todos compreendendo a terrível desgraça pronunciada pelo pássaro.

O texto trata, assim, de dois mitos típicos da região norte e funciona, nesse sentido, como uma espécie de narrativa folclórica de suas manifestações. Embora os mitos tenham histórias isoladas, no conto eles se ligam por um agouro principal, motivado pela circunstância: a caça realizada por Jerônimo numa sexta-feira. Ao retornar, pela situação anterior, o capitão se depara com o acauã em seu caminho, que, por sua vez, pronuncia a maldição que se estabelecerá adiante, ou seja, criar a filha da sucuriçu e sofrer as penas resultadas desta convivência.

5. “O donativo do capitão Silvestre”

O conflito que existiu entre o Brasil e a Inglaterra, em 1862, e ficou conhecido como a questão Christie, é o ponto de partida do conto em questão. Este conflito e a possibilidade de o Brasil entrar em guerra contra a Inglaterra gerou um grande patriotismo no povo brasileiro, como está dito no conto: “O governo imperial, receoso de uma luta armada com a Inglaterra, apelava para o patriotismo dos brasileiros”.

Em Óbidos, o coronel Gama e o juiz municipal estavam incumbidos de angariar donativos para colaborar no armamento do Brasil. Apareceram então as listas de subscrição, em que cada assinatura era responsável por um donativo. Havia contribuições de todos os valores. Diversas histórias são contadas e o conflito se torna assunto principal nas conversas do povo do Pará.

O coronel Gama e o juiz municipal conseguiram angariar nove contos de réis. Faltava recorrer ao capitão Silvestre, que havia de inteirar a quantia de dez contos. Este participava da Cabanagem e era conhecido como homem patriota. Se antes, sendo simples negociante fizera muito, agora, que havia se tornado num dos homens mais abastados de Óbidos, poderia dar uma contribuição representativa e não só inteirar a quantia de dez contos de réis, mas até ultrapassá-la.

Recorreram assim ao capitão Silveira que não estava por dentro dos acontecimentos. Conversaram sobre a questão. Lamentaram o fato de o governo não estar preparado para o tipo de situação em que se encontravam. Mostraram-lhe as listas cheias de assinaturas e lhe contaram o sucesso que obtiveram com o esforço patriótico. Disseram-lhe também que haviam reservado, no alto de uma das listas, um lugar para a generosidade e o patriotismo do capitão Silvestre.

O capitão recusou o lápis e mandou o próprio juiz anotar o seu nome naquele

espaço. Escrito o nome, veio a pergunta crucial acerca da quantia:

“— Com quanto subscreve?
— Escreva — tornou o capitão — Escreva
Vossa Senhoria... cem bacamartes...”

O juiz e o coronel Gama ficaram admirados com a generosidade do capitão Silvestre e com os seus cem bacamartes de ouro. Não bastasse isso, acabaram se sentindo humilhados quando o capitão completou sua oferta: “— E quinhentos cartuchos embalados para guerrear esse governo que barateira os brios da Nação”.

O presente conto parece se deslocar do restante da obra na perspectiva em que não apresenta um final trágico. Pelo contrário, seu final beira o anedótico. A humilhação sofrida pelos dois personagens acontece involuntariamente na medida em que o capitão, ofendido pela quantia angariada através das subscrições (o que para ele era pouco), colabora generosamente estimulado por um real patriotismo, sentimento do qual os responsáveis pela lista não compartilhavam com tamanha intensidade, por estarem muito mais preocupados com uma projeção pessoal do que com os brios da pátria. Assim, quem ganhará a projeção será o capitão Silvestre ainda que seu donativo não tenha esse objetivo.

6. “O gado do Valha-me-Deus”

Domingos Espalha, personagem-narrador, é incumbido de tomar conta da fazenda Paraíso, assinalar o gado e remeter uma vaca para uma festa de São João. Para a tarefa, aparentemente fácil, conta com o companheiro Chico Pitanga.

A fazenda havia pertencido ao Padre Geraldo que a deixou, em testamento, para Amaro Pais. Quando Domingos Espalha foi contratado, a fazenda estava abandonada pelo período de um ano. Amaro quase nunca

aparecia por lá, e quando aparecia era para se divertir atirando no gado.

Domingos Espalha e Chico Pitanga saíram então, ainda de madrugada, em busca de uma rês. Avistaram uma bonita ilha, na qual, embaixo de uma árvore, estava uma bela vaca. Domingos sentiu-se envergonhado de realizar tal tarefa fácil e seu companheiro atirou o laço:

“... o tihoso falou na alma de meu comp anheiro que (...) atirou o laço e segurou os cornos da vaca. Ela, coitadinha, se empinou toda, deixando ver o peito branco, com umas tetinhas de moça, palavra de honra!”

Com um puxão, a vaca caiu, parecendo morta. Aproximaram e constataram que efetivamente havia morrido. Assim, resolveram sangrá-la ali mesmo e matar a fome. Ao cortá-la, entretanto, depararam-se com uma espuma branca em vez de carne: “pois que a vaca não era senão ossos, espuma e couro por fora, e acabou-se”.

Os homens seguiram à procura da vacada e encontraram marcas de gado que indicavam um número acima de cinco mil cabeças. No entanto, ambos não avistaram nenhuma rês. Começou a chover e a boiada, que eles não viam, uivava: “Aquilo estava bem claro que a vaca preta era a mãe do rebanho, e, como nós a tínhamos assassinado, havíamos de agüentar toda aquela choradeira”.

Domingos Espalha e Chico Pitanga seguiram o rastro do gado e acabaram indo em direção à Serra do Valha-me-Deus. Durante o dia seguiam as pegadas dos bois e, à noite, seguiam a grande choradeira que ouviam: “o Chico Pitanga cada vez mais pateta, dizendo que aquilo era castigo por termos assassinado a mãe do gado”.

Chegaram, enfim, à Serra do Valha-me-Deus, “que ninguém subiu até hoje”, de onde voltaram para a fazenda Paraíso. Nunca encontraram gado que lhes cansasse tanto. Domingos Espalha não conseguiu cumprir,

desse modo, uma tarefa que lhe parecia muito fácil.

O conto pode ser entendido, assim como “Acauã” ou “O baile do judeu”, como uma das narrativas místicas que povoam o imaginário do interiorano amazônico. Todavia, podemos entender “O gado do Valha-me-Deus” sob uma perspectiva mais cética, próxima do que popularmente se chama de “história de pescador”. A maneira como o personagem prepara o discurso no início do conto e se apresenta como um sujeito orgulhoso, que nunca mentiu, sugerem curiosamente um exagero de cuidados típico de quem está prestes a contar uma grande mentira. Sendo o sobrenome do personagem um apelido e considerando que, de um modo geral, os apelidos surgem do relacionamento com o outro, Espalha corrobora a hipótese de que Domingos seja na verdade um mau vaqueiro, famoso por espalhar e não por recolher o gado.

7. “O baile do Judeu”

Narrado em terceira pessoa, o conto, como o título sugere, trata de uma festa dada pelo Judeu em sua casa. Às oito horas da noite, o lugar já não comportava mais o povo que comparecera em peso. O baile, que começou nesse mesmo horário, ficou por conta da orquestra, que tocava aos domingos durante a missa da Matriz. Os músicos utilizaram na festa os mesmos instrumentos com que animavam as cerimônias religiosas.

Há, no conto, um certo destaque para a dona Mariquinhas, “a rainha do baile”, que tinha pouco tempo de casada. Seu marido, o tenente-coronel Bento de Arruda, que era homem rico, viúvo e sem filhos, encontrava-se no baile.

Às onze horas, quando a festa estava em seu auge, surge um sujeito desconhecido:

“... entrou de repente um sujeito baixo, feio, de casacão comprido e chapéu desabado, que não

deixava ver o rosto, escondido também pela gola levantada do casaco. Foi direito a d. Mariquinhas, deu-lhe a mão, tirando-a para uma contradança que se ia começar.”

O sujeito mal arrumado tornou-se logo a atração da festança. Todos riam. Até mesmo seu marido achava graça no jeito do desconhecido dançar. A orquestra, percebendo que o casal entretinha o povo, pôs-se a repetir a música, que foi tocada por seis vezes. Em seguida, passou bruscamente a tocar uma valsa.

No meio dessa valsa, porém, o desconhecido deixa cair o chapéu e todos viram com horror que o sujeito era o boto, pois tinha a cabeça furada. O boto, sempre valsando, arrastou a dama até a ribanceira do rio e mergulhou com ela nas suas águas. Após isso, ninguém apareceu mais nos bailes do Judeu.

Acerca do mito do boto, Sylvia Perlingeiro Paixão escreve:

O boto, na Amazônia, é um misto de peixe e homem, que surge de dentro das águas em noites de lua cheia, com o propósito de seduzir as jovens, que por ele se apaixonam, envolvidas pela sensualidade dessa figura mítica. Quando na forma humana, o boto apresenta-se como um jovem simpático, atraente e sedutor, dominando as jovens a ponto de fazer com que, enfeitiçadas, abandonem seus lares para seguir o monstro. Como tem um furo na cabeça — marca que o torna reconhecido —, o boto anda sempre de chapéu, o que protege a sua identidade demoníaca.¹⁸

8. “A quadrilha de Jacó Patacho”

O conto narra a história da tragédia vivida pela família de Félix Salvaterra, imigrante português, que residia em um sítio isolado no Pará, entre Santarém e Irituia, às margens do rio Tapajós. Historicamente situada em 1832, a narrativa tem como pano de fundo, como está dito anteriormente neste

¹⁸ PAIXÃO. Introdução. In: SOUSA, 2004. p. xviii-xix.

estudo, o contexto da Cabanagem paraense. Mas o leitor aqui talvez se questione: se a Cabanagem ocorre no intervalo de 1835-40 e o conto se passa em 1832, como este pode fazer referência à batalha? Teria Inglês de Sousa confundido as datas do conflito paraense com a Cabanada pernambucana, esta sim de 1832? Ou ainda: estaria ele falando deste conflito e não da Cabanagem paraense, como imaginávamos? Tanto as referências geográficas (Santarém, Irituia, rio Tapajós) quanto o próprio título da obra (*Contos amazônicos*) incisivamente respondem de um modo negativo a esta última pergunta. Como compreender então aquela discordância temporal? Na verdade, apesar de ter seu início em 1835, como comentam todos os seus historiadores, a Cabanagem já se ensaiava em uma tensão entre nativistas e portugueses desde 1832. Por um outro lado, mesmo que o conflito já se esboçasse naqueles primeiros anos, o tratamento que Inglês de Sousa lhe dá em “A quadrilha de Jacó Patacho” faz parecer que, em 1832, ele já há muito se instalara, estando bastante difundido pela região, na medida em que os personagens da família de Salvaterra demonstram ter conhecimento de várias peripécias realizadas pelos cabanos. De qualquer forma, reside o problema em um equívoco de Inglês de Sousa ou na falta de conhecimento de alguns historiadores sobre a intensidade do movimento antes de seu início em 1835, a representação que a Cabanagem ganha nesses *Contos amazônicos* tem a ver com a maneira como o conflito ficou conhecido, e foi compreendido, durante a segunda metade da década de 1830: um movimento composto, na sua grande maioria, de índios, negros e mestiços em defesa da liberdade, da igualdade racial e da fé católica, lutando contra o desfavorecimento do Pará em relação ao resto do Brasil, e do Brasil em relação a Portugal, mas que, apesar destes ideais, ganhou fama pelas atrocidades e violência que cometia e por sua pouca organização interna.

O ponto de vista do narrador de “A quadrilha de Jacó Patacho” se aproxima mais destas últimas impressões, mesmo que o conto, na sua maior parte, seja narrado em terceira pessoa (posição que, de um modo geral, no naturalismo, diferentemente do que ocorre neste conto específico, exime o narrador de julgar o que conta e se ajusta ao amoralismo cientificista pretendido na época por seus escritores), trazendo o foco narrativo para a primeira pessoa somente em seus três últimos parágrafos. O narrador, então, ao final do conto, nos revela ter visto, quando passava por um sítio em junho de 1832, em viagem com seu tio Antônio, o horrendo resultado da tragédia acometida à família de Félix Salvaterra, e afirma que os pormenores da história só lhe foram contados muito mais tarde por uma velha lavadeira de Santarém chamada Ana (na verdade, Anica, filha de Salvaterra, sobrevivente da tragédia).

Podemos, então, entrever três intervalos temporais sobre os quais se apóia a narrativa: o primeiro, referente a um tempo passado remoto e ao assassinato da família de Salvaterra por um grupo de cabanos da quadrilha de Jacó Patacho; o segundo, referente ainda a um passado, porém mais recente, diz respeito ao momento em que o narrador fica sabendo dos pormenores daquele primeiro episódio, do qual vira o resultado no primeiro intervalo temporal; já o terceiro seria o tempo do presente do relato, assumido só ao final do conto, quando temos notícia da parte do narrador que a história que acabamos de conhecer pertence a um episódio guardado em sua memória e sobre o qual ouvira falar detalhadamente tempos depois. Mas, afinal, que episódio é esse?

Uma noite, após a ceia, Félix Salvaterra, sua esposa *sora* (forma reduzida de *senhora*) Maria dos Prazeres, sua filha Anica e seus dois filhos rapazes são surpreendidos em seu sítio às margens do rio Tapajós pela chegada de dois viajantes, dois caboclos de fala serena e aspecto nada extraordinário (um alto e magro, de aparência doentia, a quem o

outro, baixo, “reforçado”, de cara bexigosa, chamava de *seu João*) que vinham de Santarém e afirmam levar carga de “fazendas e molhados” a Irituia, mas com a mudança do tempo resolvem pedir abrigo nas terras do português. Um clima de tensão, que havia se instalado antes desta afirmação (tendo em vista os rumores sobre a violência dos cabanos e o fato de Félix ser português e rico), se dissolve para a maior parte dos integrantes da casa, que acolhem os viajantes e vão dormir tranquilos. Anica, porém, não consegue pegar no sono, pois a cara corroída de bexigas e os olhares de lascívia que o viajante baixo lhe lançava, quando julgava que ninguém o estivesse percebendo, fazem a jovem suspeitar já ter visto antes aquela figura que dormia na sala ao lado (o outro, *seu João*, prefere ficar no barco).

Algumas boas páginas do conto se desenrolam sobre as suspeitas de Anica e seu esforço por se lembrar daquela figura. A tensão que se cria neste momento faz o leitor participar da aflição da moça até a revelação trágica alcançada pela memória. De fato, Anica já vira o viajante, quando passeava com o pai pelas terras de Joaquim Pinto, em Santarém, e, ao voltar da igreja, sentira os mesmos olhares lascivos daquele de quem agora lembrava o nome, Manoel Saraiva. Saraiva, no entanto, é também o nome do tenente de Jacó Patacho, conhecido pela violência dos incêndios e estupros cometidos nas expedições daquele bando de cabanos. Afligida pelo terror de ter dormindo na sala ao lado o famoso estuprador, e temerosa pelo destino aparentemente reservado à sua família, a jovem cogita vários planos para escapar daquela situação e avisar os seus. Ao abrir a janela, percebe uma movimentação em direção à casa e como única alternativa grita vigorosamente a identidade dos viajantes: “— Aqui d’el rei! os de Jacó Patacho!”¹⁹. Sem que tivesse percebido, Saraiva já entrara em seu quarto e uma batalha entre a moça e o tapuío,

que tentava dominá-la com os braços, após um forçado beijo, é travada até que Felix Salvaterra e seus filhos atingem o tenente cabano com uma coronhada. Ao voltarem todos para a sala, a quadrilha liderada por seu João já se aproximava da residência, depois do comando dado por este: “— Mata marinheiro! Mata! Mata!”²⁰, grito de guerra dos cabanos, que se referiam aos portugueses como marinheiros, dando início a uma sangrenta batalha que termina com a morte, de um lado, de Félix Salvaterra e seus dois filhos, e, de outro, do tenente Saraiva e mais um ou dois representantes da quadrilha, cujos sobreviventes saqueiam e põe fogo à casa, além de capturar sora Maria dos Prazeres e Anica, sendo esta última aquela quem dá os detalhes do episódio ao narrador muito tempo depois quando já era uma velha lavadeira de Santarém, como fica sugerido ao final da narrativa.

É importante observar como este conto desenvolve de maneira interessante a trama de seu único núcleo: sem se prolongar muito em detalhes sobre a história de seus personagens, como faz (e peca, talvez) em outros momentos de *Contos amazônicos*, Inglês de Sousa concentra o olhar narrativo sobre o episódio da tragédia, criando dois momentos de tensão para a expectativa do leitor que, assim como a família de Salvaterra, espera a confirmação da possibilidade da ameaça a este núcleo de personagens representado como sendo de paz. Assim, quando os viajantes chegam, um primeiro sobressalto atinge tanto a família quanto o leitor, que aguardam — e temem — o início de um conflito que, a princípio, não se confirma. Depois, a partir das reflexões de Anica, uma nova expectativa se cria, e a tensão sobre a possibilidade de uma tragédia volta, agora para se confirmar como verdade.

Note que este recurso narrativo nos dirige a uma outra questão, importante para a compreensão do conto em um sentido mais amplo: em nenhum momento o leitor é levado

¹⁹ SOUSA, 2004. p. 122.

²⁰ SOUSA, 2004. p. 125.

a simpatizar com as causas cabanas; pelo contrário, o movimento é retratado no que tinha de pior. O que nos motiva a isso? Inglês de Sousa, em “A quadrilha de Jacó Patacho”, retrata a Cabanagem não a partir de uma perspectiva analítica, de quem observa de fora e de longe o fenômeno histórico, mas sim a representa de dentro para fora, mesmo que seu narrador não tenha participado diretamente da cena em questão. Na verdade, a história que ele nos conta lhe fora relatada por uma sobrevivente daquela tragédia, e, assim, a tomada de partido (que, a princípio, seria estranha aos narradores tipicamente naturalistas) não apenas se justifica, mas se faz realmente necessária para a verossimilhança do relato. Neste conto, ao analisar a Cabanagem, Inglês de Sousa lança mão do mesmo recurso de outros contos que retratam o misticismo que povoa o imaginário amazônico: descreve-o por dentro, a partir de quem teria vivido aquela história; neste caso específico, a perspectiva indireta é a de uma vítima dos cabanos, um pouco diferente do que ocorre no conto seguinte, “O rebelde” como veremos a seguir, em que o olhar, também indireto (isto é, não do narrador propriamente, mas de um personagem importante, Paulo da Rocha), simpatiza com o valor das causas cabanas, apesar de reconhecer sua barbárie.

9. “O rebelde”

Reaparece em “O rebelde” o problema da data apontado no conto anterior: a história contada por Luís sobre sua amizade com Paulo da Rocha e a experiência vivida pelos dois relacionada a Cabanagem data também de 1832. Assim como em “A quadrilha de Jacó Patacho”, a despeito daquelas várias questões que esse problema temporal poderia suscitar, a revolta dos cabanos paraenses aparece como pano de fundo histórico de toda a narrativa, mas, ao contrário do conto anterior, é descrita com mais detalhes,

chegando o narrador, inclusive, a fazer referência ao final da batalha.

Antes, porém, que entremos na narrativa, faz-se necessária uma discussão sobre sua natureza: a obra em que ela se insere ganha o título de *Contos amazônicos*, como sabemos, o que nos permite supor que todos os seus textos se enquadrem nessa espécie específica do gênero épico, o conto. Mas o texto em questão talvez problematize essa definição geral: por sua extensão (aproximadamente 70 páginas), por sua divisão em nove partes e pelo nível de detalhamento das histórias de seus personagens principais, “O rebelde” é definido por alguns críticos como sendo uma novela. Considerando as especificidades do texto, este enquadramento parece, de fato, proceder, ou seja, é possível entendê-lo como uma novela, mas não se pode ignorar, contudo, a definição que lhe dá o próprio autor, ao colocá-lo em uma obra cujo título já dá, de imediato, a espécie textual a ser encontrada nessa leitura. Mesmo que as duas definições sejam possíveis, fiquemos com esta última, a que entende o texto como um conto.

Resumindo, “O rebelde” é a narrativa da história de vida de Luís (contada por ele mesmo), seu contato com Paulo da Rocha, um velho veterano da Revolução Pernambucana de 1817, habitante agora de Vila Bela, e a experiência da fuga da Cabanagem vivida pelos dois, juntamente com Padre João da Costa, Júlia, filha de Paulo, e d. Mariquinhas, mãe de Luís, após a morte de Guilherme da Silveira, pai deste último. O tempo dos acontecimentos narrados pertence à década de 1830, como já comentamos, mas o tempo da realização do relato data de 40 anos depois, como o próprio narrador afirma no início do conto. Vejamos, então, o que o enredo, linearmente construído, trata em cada uma de suas partes.

Nas duas primeiras, temos a descrição da vida modesta de Júlia e Paulo da Rocha e o afeto que o jovem Luís nutria pelo velho pernambucano, desprezado e temido por toda

Vila Bela. O narrador se diz fascinado por tudo aquilo que, de um modo geral, os outros repudiam e, por isso, o mistério e a repulsa que a cidade projetava sobre Paulo da Rocha fazem com que o menino goste cada vez mais daquele veterano, cuja casa passa a frequentar, escondido de seus pais, com muita regularidade. Além de Luís, padre João parece ser o único habitante daquele lugar que não temia Paulo, dando a este o cargo de sacristão, o que afasta a população de suas missas. Este medo das pessoas de Vila Bela por Paulo da Rocha tinha sua origem no fato de ser o velho um ex-combatente da revolta de Pernambuco. Cria-se, então, um mito em torno do personagem, visto por alguns como um homem cruel e por outros como assombração.

Na terceira parte do conto surge então a referência a Cabanagem. O medo projetado sobre Paulo se desloca para os rebeldes que se aproximavam de Óbidos, gerando pânico entre os habitantes, que passam a desconfiar uns dos outros. Paulo da Rocha permanece da mesma maneira em seu trabalho cotidiano, até receber a visita de Padre João, que, temeroso pela proximidade dos cabanos, pede ao velho que interceda pela cidade e faça frente aos rebeldes que se aproximam, tendo em vista ser ele um veterano de revoltas anteriores e, por isso, o único capaz de conquistar a confiança dos cabanos. Paulo da Rocha, retomando seu passado rebelde, faz um discurso relativamente em defesa da Cabanagem, o que espanta Padre João e Luís, que assistia ao diálogo: ao mesmo tempo em que reconhece e desaprova as atrocidades dos rebeldes, Paulo compreende a miséria que os levou a isso e ainda afirma não haver motivo para defender aqueles que a vida inteira o desprezaram.

Na quarta parte, Luís narra o estremecimento de sua relação com o velho veterano, após aquela conversa, e diz se sentir envergonhado, à época, pela simpatia que ainda nutria por Paulo, amizade que entrava em conflito com a educação que recebera até o momento. Luís fica sabendo então da jura de morte que Matias Paxiúba, líder de alguns

cabanos, fizera ao seu pai, Guilherme da Silveira — juiz e português de nascimento, a quem chamavam, por isso, de marinho —, por ter este prendido e chicoteado outrora aquele rebelde. O clima fica cada vez mais tenso à medida que as notícias sobre a proximidade dos cabanos vão chegando a Vila Bela.

Temos assim, na quinta parte, o episódio da invasão da casa de Luís e do assassinato de Guilherme da Silveira. Antes de morrer, o português pede desculpas a Paulo da Rocha e o implora para que salve seu filho. O pedido é aceito com uma jura de fidelidade à segurança daquela criança. Conseguem fugir da guerra Padre João, Luís, d. Mariquinhas e Júlia, todos conduzidos por Paulo da Rocha.

A sexta parte traz, então, o relato da primeira paragem daquela fuga: o grupo liderado por Paulo se abriga no sítio de uma conhecida deste último, uma velha chamada Andresa. Neste momento, uma desconfiança começa a se criar em torno da honestidade do pernambucano, cuja fala demonstra muita simpatia pela causa cabana, gerando estranhamento da parte daqueles que acabaram de lhe sofrer as conseqüências.

Na sétima parte, um grupo de cabanos, a mando de Matias Paxiúba, chega ao sítio da velha Andresa. Os refugiados se escondem, temerosos, sobretudo, d. Mariquinhas e Luís, de estarem sendo procurados pelo bando que queria completar a vingança iniciada com a morte de Guilherme da Silveira. O narrador, do alto de uma mangueira, assiste a um espetáculo impressionante: Paulo da Rocha enfrentando, através da argumentação, sozinho, aquele grupo de aproximadamente cem pessoas. Trava-se então um diálogo tenso: o veterano de Pernambuco questiona insistente e agressivamente a imprudência de invadirem um sítio de um brasileiro como eles. Luís, que assistia a tudo, se surpreende ao ver aquele grupo famoso pelas barbaridades que cometia amuar diante de Paulo da Rocha, que, após permitir que os cabanos se abriguem moderadamente no sítio,

continua o diálogo, questionando a integridade e coerência daquele movimento, ao compará-lo com a revolução da qual participou:

“— Fui rebelde (...), mas a minha causa era grande e nobre. Nós, em Pernambuco, nos rebelamos por uma idéia grandiosa, idéia que ficou afogada em sangue, mas não morreu, há de surgir mais tarde ou mais cedo. (...) Não há de tardar o dia da redenção dos cativos. Mas os cabanos matam e roubam pelo simples prazer do crime, ou antes, porque invejam a prosperidade dos brancos.”²¹

E, após uma breve intervenção de um cabano, continua com o mesmo entusiasmo:

“Que vieram vocês buscar aqui? Não sou tão bom brasileiro como o melhor cabano? E que valentia é essa vir assim tanta gente atacar o sítio de uma pobre velha, viúva de um brasileiro que os marinheiros do Pará mataram de desgostos?”²²

Note o leitor que a crítica que Paulo da Rocha faz a Cabanagem não tem a ver com a ideologia do movimento em si, da qual compartilha, e sim com as atitudes dos cabanos. É preciso considerar também que a maneira como o pernambucano interroga os rebeldes está ligada a uma estratégia de defesa: Paulo jurou a Guilherme da Silveira garantir a segurança de sua família; assim, para afastar os cabanos de uma devassa sobre o sítio e evitar que eles encontrem os refugiados, o velho pernambucano usa da argumentação para lhes impor respeito e limites.

Após as perguntas de Paulo da Rocha, um dos rebeldes, aparentemente o líder daquela expedição, explica os motivos da visita: estavam ali a mando de Matias Paxiúba, que queria conversar com o velho rebelde. Este então manda avisar ao líder cabano que em breve irá ao seu encontro. Antes de se retirarem, um dos tapuios avista

Luís, que, por ter a pele morena, passa por protegido de Paulo, que o identifica como sendo seu afilhado.

Na oitava parte, o grupo refugiado no sítio da velha Andresa pensa em uma maneira de garantir a própria segurança no período em que Paulo da Rocha se ausentasse para ir ao encontro de Matias Paxiúba. Decidem, assim, por se esconder em uma casa no meio do mato, construída pelo velho veterano para se abrigar nos tempos em que ficava à beira da lagoa pescando. Despedem-se de Andresa e seguem em direção ao esconderijo, que inicialmente agrada a todos; Paulo e Júlia seguem ao encontro dos cabanos. Passados quinze dias, já exaustos e cada vez mais temerosos, Luís, d. Mariquinhas e Padre João são acordados por Paulo da Rocha, que vinha só e triste. Perguntado sobre Júlia, o pernambucano responde que a filha ficara como refém de Paxiúba, para obrigar o velho a retornar ao seu encontro, já que este pedira àquele para se ausentar temporariamente a fim de tratar de negócios urgentes em Serpa, quando na verdade queria era levar os refugiados àquela vila, onde poderiam alcançar a Barra facilmente e sair do território dominado pelos cabanos, o que de fato acontece.

Neste momento o narrador conta o que se passara durante o encontro de Paxiúba e Paulo. Para isso ele recorre a uma testemunha ocular que, anos depois do episódio, lhe narra o acontecido. O líder dos cabanos já sabia que o velho pernambucano salvara Luís e sua mãe e exige de Paulo que os entregue para que a vingança seja concluída. Um intenso diálogo é travado entre os dois e mestre Paulo se nega a entregar o esconderijo ou ir buscar o filho de Guilherme da Silveira, dizendo ter jurado pela vida de sua filha a segurança do menino. Após insultos e ameaças de Paxiúba, o velho pernambucano desafia o cabano a uma contenda física, a que Matias recusa, recuando-se, para dizer que esperava mestre Paulo trazer Luís enquanto fazia Júlia de refém. É neste momento que o rebelde de

²¹ SOUSA, 2004. p. 179.

²² SOUSA, 2004. p. 180.

1817 se retira e segue para salvar os refugiados e conduzi-los a Serpa. Depois disso, Paulo da Rocha volta ao encontro de Paxiúba e Luís nunca mais teve notícia nem do pai nem da filha, por mais que tivesse pesquisado sobre isso. Sobre Padre João da Costa, o narrador comenta que o período de tensão e privações experimentado durante o exílio na lagoa minaram a saúde do clérigo, acabando por matá-lo tempos depois. Luís termina a oitava parte contando que, anos mais tarde, terminada a Cabanagem, segue para Olinda, a fim de cursar Direito, e passa um bom período sem voltar ao Pará.

Na nona e última parte de “O rebelde”, o narrador, sendo já juiz municipal e delegado de polícia de Óbidos, no Pará, narra o episódio em que conversa com o tenente-coronel responsável pela fortaleza transformada provisoriamente em cadeia de justiça. No diálogo, Luís descobre que aquele oficial fora quem liderou o grupo que deteve o bando de Matias Paxiúba, o que atíça enormemente sua curiosidade. O tenente conta então que daquele grupo de cabanos, entre os que fugiram e os que foram mortos, conseguiram fazer um único prisioneiro: um velho pernambucano que saía de uma cabana carregando sua filha (aparentemente morta; o tenente não o diz abertamente) e jurara não pertencer ao bando de Matias nem ser um dos rebeldes, mas que fora aprisionado assim mesmo e teve sua vida poupada. O tenente afirma ainda que o velho até então estava preso ali, como seu troféu pela vitória da batalha. Luís se emociona loucamente e por fim se encontra com Paulo da Rocha, que a princípio não o reconhece, mas que depois, após o narrador se apresentar, chora silenciosamente abraçado ao seu pescoço. O conto termina com a breve referência aos esforços de Luís para o perdão, da parte da justiça, de Paulo da Rocha, o que, após um ano, consegue alcançar. Dois dias depois da liberdade, o velho pernambucano falece na casa do narrador, em seus braços.

É interessante observar a maneira como a Cabanagem é atualizada neste conto de Inglês de Sousa: apesar da descrição da violência dos cabanos e de o relato ser feito por uma de suas vítimas, como acontece indiretamente em “A quadrilha de Jacó Patacho”, a figura de Paulo da Rocha, sem dúvida a personagem mais importante e interessante do conto, acaba por legitimar, em alguma medida, as causas daquela revolta popular, mesmo que termine sendo também vitimado por ela. O rebelde que fora no passado e que sustenta suas posições ideológicas até o momento em que mantém contato com o narrador, alcança a redenção da parte daqueles que a princípio seriam seus contrários em dois momentos: primeiro, na fala de Guilherme da Silveira, português residente em Vila Bela, que compartilhava do preconceito da cidade em relação ao pernambucano, mas que, à beira da morte, lhe pede perdão e lhe implora para que garanta a segurança de seu filho Luís; e segundo, na relação de Paulo com o próprio Luís, que desconfia da lealdade do velho durante os tempos do exílio, em função das posições ideológicas deste último em relação aos cabanos, mas que descobre, anos mais tarde, ter sido ele seu salvador, às custas, inclusive, do sacrifício dessas mesmas posições ideológicas que motivavam a desconfiança. Determinado pelas circunstâncias (a amizade com o menino Luís e a jura de salvá-lo a qualquer preço), Paulo da Rocha acaba trilhando um caminho para o qual não se programara e que ia na contramão de sua ideologia.

A AMAZÔNIA E A IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA

Considerando o apanhado geográfico e cultural brasileiro feito pela seleção das cinco obras escolhidas para o vestibular de 2006 da UFMG, *Contos amazônicos* seria a representação de uma das várias faces que

compõem a heterogeneidade de nossa identidade. Ao ambientar suas narrativas no norte do Brasil, Inglês de Sousa acaba fazendo o desenho de um importante detalhe da cultura nacional: a região amazônica. O leitor talvez estranhe e se questione: como pode a obra falar da Amazônia se nomeadamente ela tem como cenário o estado do Pará? Na verdade, a Amazônia da qual trata o escritor não se limita ao estado do Amazonas e nem à própria floresta: ela é aqui um espaço contextual e cultural, que carrega seus mitos, personagens, episódios, imaginário e memória específicos, assim como acontece ao *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

Temos, então, nos *Contos amazônicos*, narrativas sobre índios, tapuios, imigrantes portugueses, rebeldes, cabanos, todos pertencentes a uma população que vive nas margens de rios como o Amazonas e o Tapajós, entre as cidades de Santarém, Alenquer e, principalmente, Óbidos, terra natal de Inglês de Sousa, espaço que escolherá para ambientar grande parte de seus contos. Inclusive, vale ressaltar que esses lugares referenciados na obra, apesar de pertencerem ao estado do Pará, estão mais próximos da fronteira com o Amazonas do que propriamente de Belém, o que ajuda também a responder a questão levantada no parágrafo anterior.

Além deste cenário bem delimitado, é possível perceber algum esforço de Inglês de Sousa, em contos como “A feiticeira” e “O gado do valha-me Deus”, cujos narradores aparentam ser contadores de histórias, para se aproximar de uma certa dicção regional e oral. Contribuindo para isso, encontraremos, não apenas nesses dois contos, mas em toda a obra, várias palavras e expressões típicas da região, ora referentes à vegetação, como acapu, periantã, aningal, tajá, murixi, pacoveira; ora referentes à fauna, como acauã, murucututu, tananá, urutaí; ora referentes a objetos e utensílios, como cuiambuca, embira, igarité, maqueira, mezinha, tipiti, mará; ora a expressões locais como carapetão, dar o

cavaco, chimpár; e ainda uma referência à sairé, festa religiosa popular do Amazonas e do Pará, termos esses que compõem, com detalhes, o universo que Inglês de Sousa deseja, quase obsessivamente, retratar e exigem do leitor, muitas vezes, uma consulta ao glossário que costuma acompanhar as edições da obra.

Outro detalhe importante na caracterização de uma das faces da identidade brasileira está na forte referência a episódios da história nacional: a revolução de Pernambuco de 1817, a questão Christie e a Guerra do Paraguai, ambas da década de 1860, e sobretudo a Cabanagem paraense fazem o pano de fundo temporal de vários dos *Contos amazônicos*, que, através da ficção, acabam por atualizar, no final do século XIX (data da redação e publicação da obra), importantes acontecimentos que atravessam este período tão tumultuado. A maneira como a revolta dos cabanos (ocorrida na década 1830, no Pará) aparece na obra talvez seja o caso mais exemplar desse resgate de uma memória nacional operada através da ficção: justamente nos dois momentos em que o episódio é mais fortemente referenciado (“A quadrilha de Jacó Patacho” e “O rebelde”), a Cabanagem é vista sob duas perspectivas diferentes e um tanto dissonantes, ilustrando como a memória é determinante na construção do entendimento histórico e como o fato se presta a interpretações diferentes dependendo dos interesses e experiências de quem o narra (vide a análise dos contos feita anteriormente).

Por fim, ainda sobre essa discussão, é indispensável lembrar a constante presença de mitos e lendas amazônicas povoando as narrativas de Inglês de Sousa. A princípio, essa característica da obra entra em desacordo com as propostas do Naturalismo, momento literário do qual o escritor faz parte: como um autor naturalista, que, de um modo geral, tem pretensões científicas, pode fazer tanta referência ao sobrenatural? Na verdade, não podemos esquecer que uma das obsessões de Inglês de Sousa reside justamente na

representação de seu *locus* natal, a região amazônica, e que este mesmo espaço é muito marcado por um imaginário fantasioso, preenchido por um rico e forte repertório mitológico, que, além de povoar a imaginação de seus personagens, chega a orientar, em muita medida, a sua conduta. Assim, na vontade de falar e compreender o comportamento de um tipo humano (proposta tipicamente naturalista), neste caso específico, os vários sujeitos da Amazônia, faz-se necessária a referência à mitologia que o atravessa, mesmo que Inglês de Sousa, como bom naturalista, não acreditasse nela. Por isso, temos nos *Contos amazônicos* histórias sobre o boto, sobre a maldição do pássaro acauã, sobre os poderes de uma feiticeira, sobre uma boiada um tanto fantasmagórica, enfim, sobre espécies de “causos” que definem a memória cultural deste lugar específico, cuja manutenção é feita por contadores de histórias, como são a maioria de seus narradores.

QUESTÕES DE MÚLTIPLA ESCOLHA

1. A partir da leitura do conto “Voluntário”, de Inglês de Sousa, é incorreto afirmar que:

- Pedro é filho de uma velha tapuia, com a qual vive e é sua dependente.
- O conto é narrado por um personagem que exercia a advocacia na região em que a história ocorre.
- Sabendo que não há como fugir ao fatalismo do recrutamento, Pedro aceita ir para o sul, o que ocorre de forma pacífica no conto.
- O nome do presidente paraguaio Francisco Solano Lopez é citado no conto, o que reforça o contexto histórico da história.

2. Na obra *Contos amazônicos*, de Inglês de Sousa, encontramos alguns trechos que aproximam os contos a casos, como se alguns dos narradores estivessem se lembrando de histórias das quais foram testemunhas. Todas

as alternativas abaixo exemplificam essa afirmativa, exceto:

- “Estava eu a esse tempo em Santarém, preparando uma viagem a Itaituba, a serviço da minha advocacia”.
- “O capitão Jerônimo Ferreira, morador da antiga vila de S. João Batista de Faro, voltava de uma caçada a que fora para distrair-se do profundo pesar causado pela morte da mulher, que o deixara subitamente só com uma filhinha...”.
- “Ainda me lembra a Mariquinha, como se a estivesse vendo. Tão profunda foi a impressão deixada no meu espírito pela desgraça de que foi autora e vítima ao mesmo tempo...”.
- “Quando passei com meu tio Antônio, em junho de 1832, pelo sítio de Félix Salvaterra, o lúgubre aspecto da habitação abandonada, sob cuja cumeeira um bando de urubus secava as asas ao sol, chamou-me a atenção...”.

3. Nos contos de Inglês de Sousa encontramos tanto um teor científico e cético quanto um lado místico, com lendas e mitos. Em “A feiticeira”, temos um narrador, o velho Estêvão, que:

- Acredita nos mitos e se incomoda com o fato de o tenente Antônio de Sousa não acreditar em nada.
- Mantém-se imparcial, não interferindo, portanto, no fato de os personagens acreditarem ou não em mitos e lendas.
- Zomba das coisas, ri dos santos e dos milagres e jura ser capaz de dormir uma noite inteira dentro do cemitério.
- É totalmente cético, por isso desmistifica, ao final do conto, personagens como a Maria Mucoim.

4. Com relação ao conto “Amor de Maria”, não podemos afirmar:

- Mariquinha é afilhada de Álvaro Bento, possui dezoito anos e é a mais gentil e encantadora rapariga de Vila Bela.
- Lucinda, a filha do juiz, é a moça mais feia do lugarejo.

c) “Amor de Maria” é o nome uma erva que serve para a confecção de um feitiço a fim de deixar alguém apaixonado. Por isso, após tomar este tajá, Lourenço se casará com Mariquinha.

d) Lourenço de Miranda, que era um moço acostumado aos namoros fáceis do Pará, acaba seduzindo Lucinda e Mariquinha.

5. Pode-se dizer que, no conto “Acauã”, de Inglês de Sousa, o personagem Jerônimo Ferreira é amaldiçoado. Essa “maldição” se deve ao fato de sua filha se encontrar presa, de alguma forma, à Vitória, que é uma espécie de filha da colossal sucuriçu. Isso aconteceu com o capitão Jerônimo porque ele:

a) passeou às dez horas na frente da casa do judeu.

b) tentou desmascarar a feiticeira.

c) viu o boto saindo da lagoa.

d) saiu à caça em dia de sexta-feira.

6. Sobre “A quadrilha de Jacó Patacho”, da obra *Contos amazônicos*, de Inglês de Sousa, é incorreto afirmar que:

a) o conto faz, ficcionalmente, o resgate de uma das várias maneiras de se entender o episódio histórico brasileiro conhecido como a Cabanagem paraense.

b) os comentários feitos pelo narrador sobre a Cabanagem e os adjetivos que ele dá aos participantes deste movimento apontam para uma perspectiva narrativa que condena e desautoriza o que poderia haver de legítimo na revolta popular paraense.

c) o narrador, de primeira pessoa, sobrevivente da tragédia experimentada por sua família, conta a história de quando esta fora atacada por uma quadrilha de cabanos.

d) *ficcionalizando* um acontecimento real brasileiro, a Cabanagem, o conto atualiza literariamente, no final do século XIX, a memória histórica paraense do início desse mesmo século.

7. Sobre “O rebelde”, da obra *Contos amazônicos*, de Inglês de Sousa, é incorreto afirmar que:

a) este texto de Inglês de Sousa, por sua extensão, gera uma discussão teórica sobre a própria natureza do conto — comumente definido por ser uma espécie de narrativa mais concisa — e a aplicação dessa definição a “O rebelde”.

b) duas perspectivas diferentes sobre o episódio da Cabanagem paraense podem ser percebidas nas figuras de Luís, o narrador, e Paulo da Rocha, seu amigo e veterano da revolução pernambucana de 1817.

c) assim como em “A quadrilha de Jacó Patacho”, a mistura de realidade e ficção contribui, no conto, para a atualização de um episódio importante da história paraense.

d) a releitura ficcional da Cabanagem, feita em “O rebelde”, desautoriza completamente qualquer valor que essa revolta popular paraense, ocorrida na década de 1830, porventura tivesse.

8. A obra *Contos amazônicos*, de Inglês de Sousa, publicada em 1893, participa do período literário conhecido como Naturalismo. Considerando a relação da obra de Inglês de Sousa e as características desse movimento, não se pode dizer que:

a) o tratamento que o autor dá a elementos sobrenaturais aparenta, inicialmente, estar em dissonância com o cientificismo que orienta os valores naturalistas.

b) não se verifica na obra a presença de uma das correntes científicas mais caras aos escritores naturalistas, conhecida como determinismo, que entende o homem como o fruto de uma influência que o meio exerce sobre sua natureza fisiológica.

c) a Amazônia aparece como um dos “personagens” principais da obra, o que tem a ver com a idéia de que o meio é determinante para o comportamento de seus personagens, conceito este muito caro aos escritores naturalistas.

d) o desejo de observar exatamente uma realidade específica através da ficção, proposta tipicamente naturalista, ajuda a compreender a existência de histórias que lidam com o sobrenatural na obra de Inglês de Sousa, uma vez que esse tipo de elemento pertence ao imaginário do universo que o escritor pretende retratar.

9. Leia um trecho retirado de “O rebelde”, da obra *Contos amazônicos*, de Inglês de Sousa, em que o narrador define brevemente a figura de Paulo da Rocha:

“A fértil imaginação amazonense fizera do antigo revolucionário um personagem misterioso, sinistro e perigoso, de cuja alma já estaria de posse o Inimigo, ainda em vida do corpo.” (SOUSA, 2004. p. 130.)

A partir do trecho e da leitura da obra, assinale a alternativa incorreta:

a) o trecho explica o preconceito que a população de Vila Bela, temendo a Cabanagem, tinha do personagem Paulo da Rocha, por ser este um veterano da Revolta Pernambucana de 1817.

b) o trecho, muito brevemente, se presta a uma análise de como a imaginação popular é capaz de criar mitos sobre fatos e pessoas reais, inserindo-os em um contexto sobrenatural, do qual naturalmente não fazem parte, mas que passa a orientar um certo comportamento daqueles que nele acreditam.

c) na contramão da objetividade e do cientificismo prezados pela escola naturalista, o trecho demonstra como a presença efetiva do sobrenatural, expressa no pacto entre o diabo (o Inimigo) e Paulo da Rocha, é capaz de orientar o comportamento “misterioso, sinistro e perigoso” deste personagem.

d) o narrador-personagem Luís, amigo de Paulo da Rocha, ironiza sutilmente o medo que a população de Vila Bela nutria por este

último, baseada numa notícia que tivera sobre o passado do pernambucano.

10. Assinale a alternativa incorreta sobre os *Contos amazônicos*, de Inglês de Sousa:

a) com ambições totalizantes, a obra busca refletir sobre o homem em um sentido lato, fazendo um trânsito, com muita desenvoltura, entre o particular (o sujeito da Amazônia) e o universal (o ser humano).

b) a obra faz um interessante apanhado de alguns mitos e lendas típicos da região norte do Brasil, sobretudo aquelas relacionadas ao espaço amazônico.

c) a referência a vários episódios da história nacional durante o século XIX compõe um importante pano de fundo para as narrativas, que ajudam na restauração de uma memória cultural brasileira isolada do centro-sul.

d) ambientada na Amazônia, a obra pretende observar, através da ficção e orientada por um pensamento determinista, o comportamento do homem inserido e moldado por este espaço contextual e cultural.

QUESTÕES ABERTAS

1. O seguinte trecho foi retirado da obra *Contos amazônicos*, de Inglês de Sousa:

“O caminho para o [lago] Macuranim é uma estreita vereda, toda por baixo de árvores. Os araçazeiros, os maracujás, as goiabeiras, os caramurus, entrelaçando os galhos, formam uma abóbada de verdura. As folhas secas, que lastravam o chão, estalavam sob os pés dos transeuntes, e os bem-te-vis, os titipururuís, os alegres e farsantes japiins encantavam o ouvido com a sua vária melodia”

Escreva um texto apontando a importância de trechos como este para o referido livro de Inglês de Sousa e para o estilo de época ao qual pertence.

2. O conto “A feiticeira”, de Inglês de Sousa, termina com uma gargalhada do dr. Silveira. Levando em consideração a posição tomada pelo narrador, em relação ao misticismo encontrado em torno de Maria Mucoim, escreva um texto explicando a interrupção feita por dr. Silveira à sua narrativa.

3. O trecho abaixo foi retirado do conto “Acauã”, de Inglês de Sousa:

“Com a queda, [o capitão Jerônimo Ferreira] espantou um grande pássaro escuro que ali parecia repousado, e que voou cantando:
— Acauã, acauã!”

Escreva um texto mostrando a importância das crenças populares para a obra *Contos amazônicos*.

4. Considerando a localização dos *Contos amazônicos*, de Inglês de Sousa, na historiografia literária brasileira, faça um texto comentando como a obra se distancia e, ao mesmo tempo, se aproxima das propostas da corrente conhecida como Naturalismo.

5. Faça um texto discutindo como “A quadrilha de Jacó Patacho” e “O rebelde”, da obra *Contos amazônicos*, de Inglês de Sousa, ao *ficcionalizar* um mesmo episódio da história brasileira, apresentam perspectivas diferentes sobre a Cabanagem paraense.

GABARITO

1) C 2) B 3) A 4) C 5) D 6) C 7) D 8) B 9) C 10) A

BIBLIOGRAFIA

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 38. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CHIAVENATO, Julio José. *Cabanagem: o povo no poder*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana, vol 3, 1969.
- FREITAS, Décio. *Os guerrilheiros do Imperador*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- JOSEF, Bella. *Inglês de Sousa*. Rio de Janeiro: Agir, 1963.
- LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II: 1825-1891*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, vol 1, 1938.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1984.
- MONTELO, Josué. A ficção naturalista. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969.
- NETO, Carlos Araújo Moreira. *Índios da Amazônia: de maioria a minoria (1750-1850)*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção: história da literatura brasileira (de 1870 a 1920)*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de época na literatura*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1983.
- SILVA, Dedival Brandão da. *Cabanagem: narrativas da nação*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005. (Tese)
- SILVEIRA, Ítala Bezerra da. *Cabanagem: uma luta perdida....* Belém: Secretaria de Estado da Cultura, 1994.
- SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.